

## CARRANCA VAMPIRA: A VITÓRIA DA ESTÉTICA MERCADOLÓGICA

*Luiz Severino da Silva Jr.<sup>1</sup>*

Originadas na virada do século XIX para o começo do XX, as atuais carrancas pedestais em muito diferem das antigas carrancas que ornamentavam as embarcações populares daquele período. As primitivas carrancas eram figuras de proa que ornamentavam as barcas e batelões que faziam o comércio entre as cidades de Pirapora - MG e Juazeiro - BA. Devemos ressaltar que o termo “figura de proa”, é um termo técnico de origem dos estaleiros navais europeus que foi mantido nos estaleiros brasileiros, tanto nos do litoral como nos pequenos estaleiros das margens do rio São Francisco (Imagem 1). Segundo Paulo Pardal (1981, p.88), na cidade de Juazeiro-BA o termo mais aplicado às primitivas carrancas fluviais eram “leão de barca” ou “cara de pau”, ou ainda, “cabeça de proa”, conforme registra o verbete do Tesouro de Folclore e Cultura Popular do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP, da cidade do Rio de Janeiro. (In. <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00000044.htm>).

Assim, as primitivas carrancas do Rio São Francisco são uma expressão da arte popular que possuíam um perfil individualizado, além de terem uma funcionalidade reconhecida coletivamente entre os indivíduos que cotidianamente interagiam e ainda hoje interagem com esse objeto estético. Suas antigas funções míticas ainda sobrevivem nos relatos orais e nos conteúdos didáticos das escolas municipais de seu espaço geográfico. Nessas narrativas, a carranca fluvial poderia afugentar animais (jacarés e grandes peixes) assim como intimidar os seres fantásticos que povoavam o rio e o imaginário dos ribeirinhos.

Dentre estes seres temos a lenda do Caboclo D’água (hoje chamado de Nego D’água), o Minhocão, a Mãe D’água e o Cavalo D’água, que eram afugentados pelos poderes atribuídos às feições das carrancas fluviais. Além disso, a elas também era atribuído o poder de gerar estalos que alertariam sobre o risco de naufrágios diante de pedras submersas, cachoeiras e redemoinhos. Até a primeira metade do século XX, a sua produção apresentava uma grande variedade tipológica e estética. Porém, sua produção/criação era orientada de maneira a se gerar um objeto individual, ou seja, cada carranca possuía um nome próprio, uma história individual e atributos próprios. Por isso, cada uma delas era um objeto diferente da outra, exigindo que o seu escultor sempre procurasse inovar em suas criações.

Outro ponto que deve ser relatado para o entendimento da inclusão das carrancas no mercado de artesanato, é a maneira como o valor de objeto de arte foi legado a esses objetos. Segundo Paulo Pardal (1981, p.91) o reconhecimento do valor artístico só foi possível após uma exposição ocorrida na cidade de São Paulo no ano de 1954. Naquele ano comemorava-se o IV Centenário da Cidade de São Paulo, e dentre as várias atividades festivas, ocorreu uma exposição de carrancas fluviais. Serradas de suas embarcações, elas foram expostas de maneira totêmica. Mais tarde, essa forma de expor as carrancas, levaria os mestres carranqueiros a produzir carrancas pedestais.

Após essa primeira exposição de carrancas, algumas das peças foram incluídas no acervo do Museu de Artes e Tradições Populares do Parque do Ibirapuera, hoje, Museu Rossini Tavares, instalado na Casa Sertanista do Museu da Cidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Mestre em Arqueologia e Conservação do Patrimônio. Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

Não é a toa que ocorreu o surgimento de pequenas coleções de carrancas como as de Lina Bo Bardi, Roberto Burle Marx, João Mauricio de Araújo Pinho, Alfio Lagnado, Coleção da Universidade Salgado Filho – UNIVERSO-Recife, e a própria Coleção Paulo Pardal de Arte Popular (Imagem 2 e Imagem 3).

Além das coleções particulares muitos museus também incluíram em seus acervos coleções de carrancas tais como o Museu de Arte e Ofícios em Belo Horizonte - MG, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - CNFCP no Rio de Janeiro, o Museu Regional do São Francisco em Juazeiro - BA, entre outros (Imagem 4). Desta forma, as antigas carrancas fluviais passaram a ser incluídas dentre os objetos de interesse do mercado de artesanato.

Porém, a partir da década de 1960 as carrancas sofrem uma crise produtiva, impulsionada pela soberania dos barcos a vapor que desde o começo do século XX já navegavam pelo rio São Francisco (Imagem 5). Assim, as barcas e batelões não só deixaram de utilizar carrancas em suas proas, como também tornam-se embarcações inviáveis para o comércio fluvial (PARDAL, 1981, p. 135).

Todavia, o fato das carrancas possuírem múltiplas correlações contextuais, seja por ter uma extensa área de abrangência cultural, seja pela diversidade criativa de suas tipologias, permitiu que essas mudanças tecnológicas não promovessem a extinção da prática de esculpi-las. Apenas, as carrancas deixaram de existir no ambiente fluvial, salvo algumas exceções, visto que hoje elas estão presentes em cerca de três, das dez barcas que fazem o transporte fluvial de passageiros entre as cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE.

Desta feita, as carrancas passaram a ser esculpidas, principalmente, por encomendas de colecionadores e marchands. Por isso, as carrancas deixam de ser esculpidas com a inclinação dos barcos, para serem executadas de maneira ereta, quase como se fossem bustos, e, com uma base reta, permitindo assim, o surgimento das “carrancas pedestais”, que possuem um caráter eminentemente ornamental.

Hoje, estas carrancas pedestais tornaram-se souvenir turístico inserido no mercado artesanal do Nordeste do Brasil, mas, mesmo assim, o discurso pitoresco destes souvenirs também lhes atribuiu elementos míticos além do estético/ornamental. É bem verdade que existe um pequeno mercado de colecionadores de objetos de arte que ainda encomendam réplicas das carrancas dos velhos mestres carranqueiros, principalmente do mestre Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany.

Portanto, nesse artigo examinaremos as questões estéticas e visuais das carrancas pedestais no contexto das cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE. Para tais discussões, elencamos como recorte temporal, o período da década de 1970 aos dias atuais. Foi após essa década que ocorreu uma retomada produtiva dos artesãos que confeccionavam carrancas pedestais, e essa, parece ter sido de responsabilidade de uma instituição: a Companhia de Navegação do Rio São Francisco – FRANAVE. Naquele momento, a Companhia encomendou a um mestre carranqueiro uma peça para ornamentar um de seus rebocadores e, esse fato, parece ter reacendido o interesse de alguns comerciantes de artesanato pelas peças. Mais tarde, na década seguinte, a prefeitura de Petrolina-PE promoveu o desenvolvimento de políticas culturais (décadas de 1980/90) que incentivavam os artesãos a produzirem carrancas e demais objetos artesanais. Para tanto, a prefeitura criou a Oficina do Artesão Mestre Quincas, um atelier permanente de produção, venda e exposição de objetos de arte e artesanatos, onde destaca-se a escultura da carranca pedestal.

Em função do seu potencial no mercado do artesanato, as carrancas passaram por uma nova fase produtiva, porém, um estilo parece ter se destacado: o da “Carranca Vampira”, que legou transformações na produção/criação, nas funções místicas, no surgimento de novos mestres escultores e na produção em série. Em uma breve visita aos oito pontos de vendas de artesanato (4 lojas, 2 oficinas e 2 quiosques) nas duas cidades foco desta pesquisa, percebemos a preponderância do estilo Carranca Vampira nas estantes e prateleiras (Imagem 6 e Imagem 7).

Por uma questão de identidade, os proprietários destas lojas preferem utilizar o termo artesanato ao invés de utilizar o termo objetos de arte, da mesma forma ocorre com boa parte dos “artesãos”, os quais, em sua maioria, sentem-se acanhados em se designarem artistas, pois, entendem que o seu lugar, sua criação e suas oficinas, só podem existir de maneira competitiva dentro do modelo cooperativista. Desta forma, justificam o apoio institucional de órgãos públicos e ao mesmo tempo barram as explicações teóricas dos discursos acadêmicos que são atribuídos ao seu fazer.

O modelo de cooperativa artesanal permitiu que os artesãos passassem a atender a nova demanda do mercado, ou seja, a produção como atrativo turístico, além de não terem que se preocupar com a administração financeira de uma loja nos moldes comerciais.

É importante destacar, como se deu a criação e difusão do modelo “Carranca Vampira”, visto que esse, parece ter tido maior sucesso em readaptar-se e persistir no tempo. Podemos localizar essa origem no ano de 1971, tendo o mestre escultor Severino Borges de Oliveira, mais conhecido como Bitinho, como seu criador (Imagem 8).

Pensada como uma forma de recriar um monstro visto em cartaz de filme japonês, a “carranca macaca”, inicialmente imaginada pelo mestre Bitinho, ganhou forma e se transfigurou na atualmente denominada “carranca vampira” (Imagem 9, Imagem 10 e Imagem 11).

Caracterizada pelas cores preta, vermelha e branca, essa composição cromática foi tão bem aceita pelo público, que os artesãos focaram sua produção quase que exclusivamente nesse modelo tricolor. Até hoje, a presença esmagadora do modelo “vampira” impera nas lojas e feiras de artesanatos do Nordeste do Brasil. O sucesso desse modelo para o mercado quase que condenou ao esquecimento os demais tipos de carrancas antropomorfas e zoomorfas que ainda sub-existem nas mãos de alguns poucos escultores que, como já citamos, só executam essas outras variedades tipológicas quando solicitados pelos consumidores.

A demanda indicada pelos consumidores parece ser um ponto importante no direcionamento da produção desses artesãos, o próprio mestre Bitinho, segundo Martins (2012, p.220) afirma “Tenho muitas esculturas, agora trabalho com vários tipos de artesanato. [...] Essas mulheres de gabarito mesmo querem sapo-cururu. De pedra ou de madeira eu faço. De cimento, de ferro, já fiz de tudo.”

Podemos afirmar que as carrancas ainda demonstram sua força cultural nesse começo de século XXI, uma vez que os seus escultores, interagem com questões pertinentes às relações de produção/criação, uso/função e venda/mercado. Segundo entrevistas com os proprietários das oito lojas pesquisadas, o público consumidor possui uma visão decorativa dos objetos de artesanato, procurando sempre peças coloridas que possam “alegrar o ambiente”.

Além disto, o modelo vampira parece ter ocupado, de maneira satisfatória o espaço deixado pelos velhos modelos. Nas duas cidades estudadas, algumas residências particulares possuem em suas varandas a presença de carrancas vampiras pedestais. Na oportunidade desses registros fotográficos, pude entender, através de diálogos com esses moradores que, do ponto de vista mítico, as carrancas passaram a ter a função de proteger as portas das casas contra espíritos e pessoas “carregadas” de más energias, denotando que a transformação das carrancas em amuletos do cotidiano, é fruto do diálogo que a população ainda mantém com as expressões do universo simbólico são franciscana.

Hoje podemos observar, além do objeto carranca, sua presença em releituras bidimensionais e tridimensionais em diversos espaços públicos, o que demonstra a difusão e uso dessa representação gráfica em Juazeiro-BA, com características estéticas mais predominantes do modelo carranca vampira, semelhante ao que ocorre na produção das esculturas construídas pelos artesãos locais. Nesse sentido, o caráter identitário construído a partir da imagem da carranca, estampa logomarcas de companhia de navegação, rótulo de aguardente, monumento comemorativo e mesmo telefones públicos, um sinal de sua permanência no imaginário da população local (Imagens 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18).



**Imagem 1 – Porto da cidade de Juazeiro, BA. Notar que a segunda barca, uma barca de remeiros, possui uma carranca em sua proa. S/D, domínio público.**



**Imagem 2 – Carrancas da coleção Lina Bo Bardi expostas no Solar do Ferrão, Salvador, BA**

**Imagem 3 – Coleção de carrancas de Roberto Burle Marx exposta em sua antiga residência, Rio de Janeiro, RJ.**







**Imagem 4** – Coleção de carrancas do Museu Regional de Juazeiro, BA. A carranca da esquerda foi confeccionada por Guarany para a Companhia de Navegação do São Francisco. As quatro carrancas da direita são reproduções do estilo Guarany, identificadas como sendo das 2ª e 3ª fases, 2012. Foto do autor.



**Imagem 5** – Porto da cidade de Juazeiro, BA. Barcos a vapor que modernizaram o comércio fluvial e, provocaram a obsolescência das antigas barcas com carranca. S/D, domínio público.



**Imagem 6** – Carrancas Vampiras em loja de Pirapora, MG.



**Imagem 7** – Carrancas Vampira da cidade de Juazeiro, BA e Petrolina, PE. As duas carrancas sem cores foram feitas pelo Mestre Bitinho. A segunda carranca (da esquerda para a direita) foi executada por Dito Paixão. A carranca da extrema direita foi executada pelas carranqueiras do distrito de Flamengo, Juazeiro, BA.

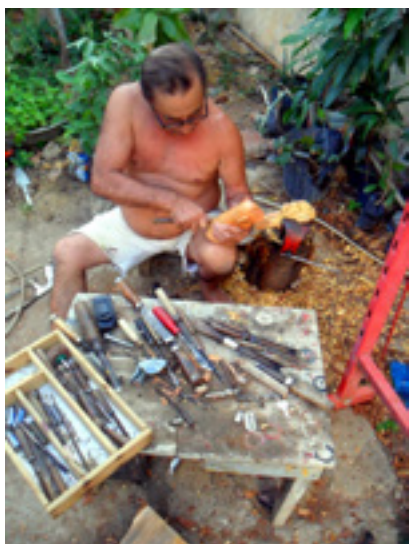


Imagem 8 – Mestre Bitinho (Severino Borges de Oliveira) esculpindo carranca em sua residência. Juazeiro - BA, 2013. Foto do autor.



Imagem 9– Carrancas do Mestre Bitinho da década de 1970. Intitulada de “Carranca Macaca” essa carranca foi rebatizada por comprador de artesanato como “Carranca Vampira”. Acervo do Mestre Bitinho.



Imagem 10 – Cartaz do filme “All Monsters Attack” dirigido por Ishiro Honda em 1969, que inspirou o Mestre Bitinho na confecção de sua “Carranca Macaca”, depois intitulada de Vampira. No Brasil o filme teve o título traduzido para “Monstrolândia”



Imagem 11 - Carranca do Mestre Bitinho, 2013.



Imagem 12 - Logomarca da Companhia de Navegação do São Francisco – FRANAVE. Década de 1970. Primeira releitura estética carranca através de designer gráfico.



Imagem 13 - Rótulo da aguardente mineira da cidade de Januária, mostrando barca com carranca. Foto do autor.

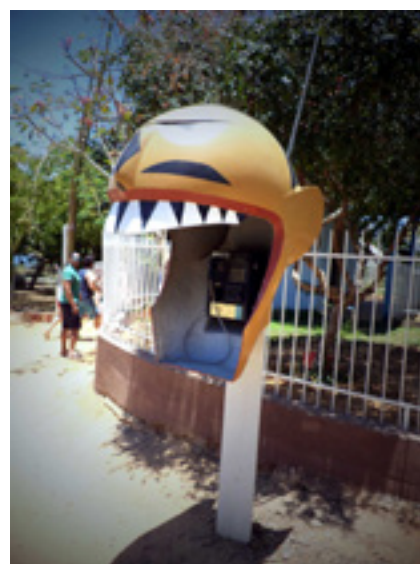


Imagem 14 - Monumento de 25 anos do Lions Club na cidade de Juazeiro, BA, que utiliza baixo relevo com carrancas em sua logomarca. Fotos do autor.





**Imagem 15 - Adesivo dos Empregados em Estabelecimento Bancário de Juazeiro - SEEB, durante greve ocorrida no mês de outubro de 2013. Juazeiro, Bahia. Foto do autor.**



**Imagem 16 – Orelhão carranca, Petrolina, PE. Foto do autor.**



**Imagem 17 – Grafite em Juazeiro, BA, na ponte que liga esta cidade a cidade de Petrolina - PE. Foto do autor.**



**Imagem 18 – Grafite na cidade de Petrolina, PE. Foto do autor.**



### Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodoro W. **Teoria estética**. 2ª ed., Lisboa: Edições 70, 2011 (Arte & Comunicação)

BARDI, Lina. **Tempo de grossura: o design no impasse**. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1994 (Pontos sobre o Brasil)

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 14 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

COIMBRA, Silvia Rodrigues; MARTINS, Flávia; DUARTE, Maria Leticia. **O reinado da lua: esculturas populares do Nordeste**. Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial S.A., 1980

GADAMER, Hans-Gerog. **Hermenêutica da obra de arte**. São Paulo: Editora WMF/ Martins Fontes, 2010

MARTINS, Flávia; LUZ, Rogério; BELCHIOR, Pedro. **Nova fase DA LUA: escultores populares de Pernambuco**. Recife: Caleidoscópio, 2012

PARDAL, Paulo. **Carrancas do São Francisco**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1981

SEBRAE/PE. **Catálogo do Artesanato de Pernambuco**. Recife: SEBRAE-PE/FLAMAR Gráfica e Editora Ltda. S/D

VALALADARES, Clarival do Prado & PARDAL, Paulo. **Guarany: 80 anos de carrancas**. Rio de Janeiro: Gráfico Danúbio S/A, 1981.

### Fontes Digitais

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. **Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira**. Disponível em <[http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID\\_Secao=31](http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=31)>. Acesso em: 04 jul. 2013.